

Um novo Mundo e uma nova Missão

Card. Michael Czerny S.J.

Fonte: [Thinking Faith](#)

Durante a primeira sessão do Sínodo sobre Sinodalidade (outubro de 2023), muitos participantes foram surpreendidos e reconfortados, por terem sido apresentados ao novo “continente digital” e à missão, aí nascente, da Igreja. O Cardeal Michael Czerny SJ reflete sobre a forma como um conceito considerado fundamental pelo filósofo jesuíta Bernard Lonergan esclarece, como uma inculturação radical, esta nova evangelização e ministério; e como a missão digital não só ilustra, mas verdadeiramente enriquece o significado da “Comunicação” de Lonergan.

INTRODUÇÃO

O magnífico *Método in Teologia* (MIT), de Bernard J.F. Lonergan S.J.,^[1] explica, distribui e interrelaciona todas as funções da teologia. O seu formidável esquema de oito especialidades funcionais culmina com a oitava especialidade funcional (FS 8), a “Comunicação”. Para aqui convergem todos os frutos de toda a teologia para a Igreja e para a Humanidade, porque a FS 8 “se interessa pela comunicação eficaz da mensagem de Cristo” (MIT 392). Sem esta última etapa, as primeiras sete são em vão, uma vez que não chegam à maturidade” (MIT 385).

Para Lonergan, a palavra “comunicação” compreende os conteúdos e os meios de comunicação, e as relações que esta requer. Tudo isto se refere claramente à vida pastoral da Igreja. Efetivamente, nas línguas românicas, “pastoral” é um substantivo; e se tal tivesse sido possível em inglês, Lonergan teria podido simplesmente chamar à FS 8 “pastoral”, a qual inclui o conceito, sendo, porém, mais ampla do que “comunicação”.

Um campo pastoral muito novo para a Igreja é a missão no âmbito digital, ou de um modo mais simples, a missão digital (MD). Este artigo é um diálogo entre esta nova pastoral e a FS 8 de Lonergan, a “Comunicação”. Que luz lançam uma sobre a outra?

1. O NOVO MUNDO

No início de 2024, cerca de 5,35 milhões de pessoas – isto é, 66% da população mundial – tinham acesso à internet e utilizavam as redes sociais^[2]. Este facto, aliado à

propagação da Inteligência Artificial está a transformar a nossa realidade de variadíssimos modos, mais do que poderíamos jamais imaginar.

O ambiente digital em rápida evolução está “cada vez mais presente na vida dos adolescentes e das famílias. Embora tenha um grande potencial para melhorar a nossa vida, pode também causar danos e feridas” (RdS 17 f)^[3]. Hoje em dia, “muitos jovens abandonaram os espaços físicos da Igreja [...] a favor dos espaços online” (RdS 17k).

Estes fenómenos, ambíguos e desorientadores, são aqueles que o Concílio Vaticano II incluiria sob a fórmula “os sinais dos tempos”, e que são “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” da Humanidade dos nossos dias, que o Concílio afirma como próprias da Igreja (GS1) e onde devemos garantir a presença de Cristo. Um dos ‘Grupos de Estudo para as questões levantadas na Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, o Grupo de Estudo 3 (GS3) está a trabalhar para nos ajudar a ‘tornar nossos’ estes fenómenos e a responder como Igreja mais sinodal, mais missionária.

Providencialmente, o Sínodo de outubro de 2023 tomou conhecimento destes sinais, esperanças e angústias sob a sugestiva imagem de um novo continente a ser evangelizado e introduzido, sacramentalmente, na Igreja: “a missão digital não é somente uma ferramenta de evangelização, mas é um ‘espaço, um território... um novo mundo de comunhão e de missão para a Igreja (Tagle)’”.^[4] Esta descoberta (que surpreendeu a maioria dos participantes do Sínodo) produziu em todos nós – a começar pelo Papa Francisco – sentimentos profundos e vigorosos de fé, esperança, amor e zelo.

Portanto, aqui estão, de uma maneira um pouco mais concreta, as nossas duas questões:

- De que modo a oitava especialidade funcional de Lonergan, “Comunicação”, nos ajuda a “compreender a importância para a Igreja de prosseguir a missão do anúncio do Evangelho também no contexto digital” (GS 3 §1)? Como incluir, de forma consciente e inteligente, a MD no processo de tornar a Igreja, sinodal?
- E como é que este momento decisivo na história da Igreja – inimaginável na época de Lonergan – retira um novo significado da oitava especialidade funcional? De que modo requer um novo compromisso de colaboração entre teólogos e outros agentes das ciências humanas e da História, no que respeita às especialidades funcionais 1-7?

2. INCULTURAÇÃO

O ambiente digital é uma cultura, um “lugar” onde as pessoas – todos nós – passam uma parte significativa e crescente das suas vidas. Não é apenas uma ferramenta ou uma tecnologia: “a cultura digital representa uma mudança fundamental no modo como concebemos a realidade e nos relacionamos connosco mesmos, entre nós, com o ambiente que nos rodeia e também com Deus” (RdS 17a). Tem, portanto, ““impactos muito profundos na noção de tempo e de espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em contacto com os outros”.

Isto exige formas radicalmente novas de missão, a fim de “chegar à cultura atual em todos os espaços onde as pessoas procuram sentido e amor, também nos seus telemóveis e tablets” (RdS 17c).

No entanto, chamar a estes espaços, espaços de “cultura” é realmente perturbador, pois até recentemente a cultura esteve sempre organicamente ligada ao espaço “real”, ao “lugar” real como sua matriz imprescindível. “O dualismo entre real e virtual não descreve adequadamente as realidades e a experiência de todos nós, sobretudo dos mais jovens, os chamados ‘nativos digitais’” (RdS 17a). Nos últimos anos, o que começa e tem lugar na cultura digital tem gerado grandes mudanças no mundo real como, por exemplo, a Primavera Árabe, a resposta à morte de George Floyd, o movimento #MeToo, o canal no YouTube, MrBeast e muitos outros.

O pensamento de Lonergan de há meio século exprime magnificamente, e de modo preciso, o desafio que a MD deve enfrentar ou, num sentido mais radical, o desafio que dá origem à MD:

“A mensagem cristã deve ser comunicada a todas as nações. Essa comunicação pressupõe que aqueles que pregam e aqueles que ensinam alarguem os seus horizontes, a fim de incluir uma compreensão precisa e profunda da cultura e da linguagem das pessoas a quem se dirigem. Devem apreender os recursos virtuais dessa cultura e dessa linguagem e devem utilizá-los de forma criativa, para que a mensagem cristã não seja um elemento de rutura na cultura, nem seja uma peça estranha colocada por cima, mas represente uma linha de desenvolvimento dentro dessa cultura” (MIT, 392).

O Sínodo, como se estivesse a dialogar com Lonergan, afirma que a Igreja está pronta «para seguir em frente com a missão de anunciar o Evangelho também no ambiente digital, que envolve todos os aspetos da vida humana e deve, portanto, ser reconhecido como uma cultura e não apenas como uma área de atividade” (GS 3 §1).

Aqueles que, com atenção e inteligência, procuram realizar um ministério na MD poderiam ser descritos por Lonergan desta forma: tanto o agente pastoral digital, como

o missionário digital “reconhecem uma multiplicidade de tradições culturais [e] avançam... do interior da sua cultura, procurando os caminhos e os meios para fazer [dessa cultura digital] o veículo com o qual comunicam [inculturando] a mensagem cristã” (MIT 193).

A cultura digital é substancialmente nova e está em rápida evolução, enquanto que a introdução constante de novas técnicas e tecnologias é apenas casual. O desafio principal não é a eletrônica, mas sim a inculturação do evangelho e da vida da Igreja.

Consequentemente, para desenvolver esta pastoral, o Santo Padre determinou “a criação de um Grupo de Estudo para aprofundar as implicações [da MD] a nível teológico, espiritual e canónico e identificar as necessidades a nível estrutural, organizacional e institucional, a fim de realizar a missão digital” (GS 3 §3)^[6].

“De facto, o nosso é um tempo de mudanças, sempre crescente, devido a uma expansão cada vez maior do conhecimento”, afirma Lonergan. Ele explica deste modo a tarefa do GS 3: “Atuar a par do nosso tempo significa aplicar os melhores conhecimentos disponíveis e as técnicas mais eficientes para coordenar a ação de grupo” (MIT 397).

3. EVANGELIZAÇÃO

“A Igreja Cristã é a comunidade que resulta da comunicação externa da mensagem de Cristo e do dom interior do amor de Deus. Uma vez que se pode confiar que Deus concede a sua graça”, o Sínodo chama a nossa atenção para uma “comunicação eficaz da mensagem de Cristo” (MIT 391-92).

A MD, a missão digital começou quando as redes sociais, os podcasts, os blogs e o YouTube surgiram. Não esperou para ser inventada. Leigos, sacerdotes e religiosos não esperaram um mandato do Vaticano, do seu Bispo ou dos seus superiores. Vendo as almas que vagueavam por esses espaços digitais à procura de sentido, tomaram a iniciativa, apresentando-lhes o amor de Cristo. A MD germinou como a “semente lançada à terra”. Sem que [o agricultor] saiba como, quer durma ou vigie, de noite ou de dia...” (cf. Mc 4, 26-27), as sementes germinam silenciosamente e crescem, enquanto o GS 3 prepara “os caminhos e meios eclesiais que serão necessários”.

“[A] mensagem cristã [está] unida ao dom interior do amor de Deus, resultando no testemunho cristão [*martyria*], na comunidade cristã [*koinonia*] e no serviço cristão à humanidade [*diakonia*]” (MIT 393). De que forma as pessoas vivenciam estas três dimensões da nossa fé relativamente ao seu agir terreno? Deverão estas três dimensões ser, de algum modo, vivenciadas de maneira diferente no continente digital?

“A Igreja... não existe exclusivamente para si mesma, mas para a Humanidade. O seu objetivo é a implementação do reino de Deus, não apenas dentro da sua própria organização, mas em toda a sociedade humana, e não apenas na vida futura, mas também nesta vida” (MIT 393 M363-4). A Igreja deve procurar e encontrar a humanidade para a qual existe, não só de forma espontânea, mas orgânica e eclesial.

Contudo, a grande maioria dos líderes e membros da Igreja não tem a mínima ideia do continente digital que espera ser evangelizado e cuidado, ou do que os missionários e pastores digitais – sejam eles sacerdotes, consagrados ou leigos, homens ou mulheres, jovens ou adultos – são e fazem. Na verdade, estes oferecem, aos católicos batizados, formação pastoral e apoio online significativos, bem como iniciativas de evangelização dirigidas aos católicos que já não praticam e aos que não conhecem a Cristo.

Graças a estas iniciativas individuais online, as estatísticas que medem a participação em ministérios e missões digitais são significativamente desproporcionais relativamente às pessoas que frequentam a sua paróquia. O facto de o Sínodo ter prestado atenção aos missionários digitais, e àqueles que acompanham pastoralmente os católicos e os formam online, foi um importante reconhecimento e constatação da realidade.

Tradicionalmente, os missionários eram sempre enviados pelo seu Bispo ou Superior, que os acompanhava à distância e os visitava ocasionalmente. Hoje, muitos influenciadores católicos (onde quer que residam “na Terra”, qualquer que seja a sua idade ou experiência) precisam de se encontrar com os respetivos Bispos, começar a dialogar e descobrir a dimensão eclesial, base essencial do seu ministério. “Propomos que as igrejas assegurem reconhecimento, formação e acompanhamento aos missionários digitais já em ação” (RdS 17 I).

Portanto, quando o Sínodo aprovou o Relatório de Síntese da primeira sessão, incluindo a sessão 17 sobre os “Missionários no ambiente digital” (RdS 17), não pretendia lançar uma ideia totalmente nova a ser “realizada”, mas sim ‘aprender com’ e desenvolver uma evangelização e um ministério de alcance extraordinário, aliás já “espontaneamente” em progresso.

4. CONCLUSÃO

Começámos com a pergunta: “Que luz lançam, uns sobre os outros, a oitava especialidade funcional de Lonergan, o RdS 17 e o GS 3 do Sínodo?”

A oitava especialidade funcional de Lonergan ilumina vividamente o magistério do Papa Francisco no que diz respeito à Missão Digital (MD). Ajuda-nos a compreender as

novas culturas em que as pessoas vivem de forma crescente e onde de facto estão imersas e, também, a inculturação, extremamente dinâmica, que lhes é exigida. “Os missionários sempre partiram com Cristo rumo a novas fronteiras, precedidos e impelidos pela ação do Espírito” (RdS 17c). Só podemos olhar para o assim chamado novo continente, com o zelo de um Francisco Xavier ou de uma Madre Cabrini.

O magistério do Papa Francisco, que incentiva a MD, remete-nos imediatamente para a oitava especialidade funcional. A MD nasce da fé e da Igreja, mas de forma espontânea e dispersa. Por isso, quer o Santo Padre, quer o Sínodo pedem que a MD seja reconhecida e incorporada visivelmente na Igreja e se torne um verdadeiro ministério eclesial e uma verdadeira missão.

É esta a primeira vez que novas formas de evangelização e de ministério foram abraçadas com tanta rapidez pela Igreja, com dois documentos oficiais em menos de seis meses desde a sua introdução no Sínodo? É verdade. “Não podemos evangelizar a cultura digital sem primeiro a ter compreendido” (RdS 17d), e Lonergan insistiria na compreensão, que deve ocorrer antes da comunicação (as especialidades funcionais 1-7 vêm antes da oitava especialidade funcional). No entanto, a MD, tal como a oitava especialidade funcional, que podemos chamar de comunicação, vida pastoral, teologia pastoral ou prática, é na verdade uma “força motriz” evangélica, que está apenas a começar a conectar-se e a beneficiar das especialidades funcionais 1-7.

Dado que o método de Lonergan não é linear, mas circular, no ambiente digital talvez se possa começar a partir da oitava especialidade funcional, trabalhar cuidadosamente através das especialidades funcionais 1-7, e depois ‘regressar’ (à oitava especialidade funcional) para enriquecer a comunicação, a vida pastoral? Poderia ser isto o que Lonergan esperava que acontecesse?

Não podemos ter a certeza. Mas munidos das ferramentas do seu método teológico, podemos iniciar uma hermenêutica sábia do presente, que inclui rápidas mudanças e surpreendentes inovações digitais. Apreciamos o seu grande potencial de diálogo – por exemplo, com as alegrias e esperanças, as tristezas e ansiedades do ser humano atual, especialmente dos mais jovens. Numa nova missão para um novo mundo, ofereçamos com coragem e criatividade a Palavra da Verdade revelada em Cristo Jesus.

^[1] B.J.F. Lonergan, *Method in Theology*, (1972) R.M. Doran e J.D. Dadasosky (curr), CWL 14, University of Toronto Press, Toronto 2017; trad. italiana, *Metodo in Teologia*, S. Muratore, C. Taddei Ferretti e E. Cibelli (curr.), Città Nuova, Roma 2022. A partir de agora será citada a trad. italiana com a referência MIT.

^[2] Segundo a Datareportal, mais de metade (62,3%) do mundo utiliza as redes sociais.

<https://datareportal.com/global-digital-overview>

^[3] Relatório de Síntese da Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (outubro de 2023)

^[4] José Manuel Urquidi e Sr. Xiskya Lucia Valladares Paguaga, RP, “Synod: Testimony on digital mission and Module B2”, <https://www.vaticannews.va/en/vatican-city/news/2023-10/synod-eight-general-congregation-module-b2-urquidi-valladares.html>. Falaram de evangelizadores digitais que querem “ter uma maior ligação com os nossos bispos e as nossas dioceses e ser mais acompanhados, reconhecidos e integrados na missão apostólica da Igreja”.

^[5] Papa Francisco, *Christus Vivit*, 86.

^[6] Cfr. Papa Francisco, *Carta ao Cardeal Grech*, 22.2.2024,

<https://www.vatican.va/content/francesco/it/letters/2024/documents/20240222-lettera-card-grech.html>